

PAULO FREIRE NAS ESCOLAS DE HOJE

Uma pedagogia ainda atual?

Moacir Gadotti (*)

Em 2005 o “Projeto Memória”, uma iniciativa da Fundação Banco do Brasil, homenageou Paulo Freire. O “Projeto Memória” se propõe a valorizar a cultura e a história do nosso país, homenageando grandes personalidades brasileiras. Essa edição do projeto foi realizada em parceria com o Instituto Paulo Freire e a Petrobras. É um trabalho que objetiva a resgatar, difundir e a preservar a memória do educador Paulo Freire, contribuindo para a popularização de sua biografia e de sua obra, tendo em vista a difusão de seu legado humanístico entre educadores, pesquisadores, profissionais da educação, alunos e a população em geral.

Um conjunto de produtos, com o título geral “*Paulo Freire: Educar para Transformar*”, estão sendo distribuídos gratuitamente a 5 mil bibliotecas públicas brasileiras e a mais de 18 mil escolas: um livro fotobiográfico, um vídeo documentário, uma exposição itinerante, um almanaque histórico, um guia do professor, cartazes, etc.

As escolas públicas, alunos e professores são os grandes beneficiários desse projeto. E a pergunta que fica é essa: como Paulo Freire é lido nas escolas? Qual a pertinência de sua obra hoje? É sobre essas perguntas que gostaria de refletir, atendendo a uma solicitação da revista argentina *Novedades Educativas*.

Para nós, do Instituto, Freire continua sendo a grande referência da **educação emancipadora**. Ele pode ser comparado a muitos educadores do século XX, mas ninguém, melhor do que ele, formulou uma pedagogia dos silenciados e da responsabilidade social, dos oprimidos e dos que não são oprimidos, mas estão comprometidos com eles e com eles lutam, como ele dizia. Colocar Paulo Freire no passado é não querer mexer na cultura opressiva de ontem e de hoje que ele denunciava.

Creemos que o reconhecimento da importância da obra de Paulo Freire nas escolas dar-se-á quando ela deixar de ser confinada no seu espaço para reconhecer a **educação ao longo de toda a vida**. O legado de Freire não pode ser considerado como uma contribuição à educação do passado, mas à educação do futuro.

O que mais o preocupava nos últimos anos de sua vida era o avanço da globalização capitalista neoliberal. Por que Paulo Freire atacava tanto o **pensamento e a prática neoliberal**? Porque o neoliberalismo é visceralmente contrário ao núcleo central do seu pensamento que é a **utopia**. Enquanto o pensamento freiriano é utópico, o pensamento neoliberal abomina o sonho. Para Paulo Freire o futuro é **possibilidade**. Para o neoliberalismo o futuro é **fatalidade**. O neoliberalismo apresenta-se como única resposta à realidade atual, desqualificando qualquer outro projeto social e político.

A **escola** não distribui poder, mas constrói saber que é poder. Não mudamos a história sem conhecimentos, mas temos que **educar o conhecimento** para que possamos interferir no mercado como sujeitos. O **papel da escola** consiste em colocar o

(*) **Moacir Gadotti**, Doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Genebra (Suíça), professor titular da Universidade de São Paulo (Brasil) e diretor do Instituto Paulo Freire (São Paulo). Escreveu diversos livros, entre eles *Convite à leitura de Paulo Freire*, *Pedagogia da Práxis*; *História das idéias pedagógicas*, *Os mestres de Rousseau* e *Paulo Freire: Uma Biobibliografia*.

conhecimento nas mãos dos excluídos de forma crítica, porque, a **pobreza política** produz **pobreza econômica**.

A obra de Paulo Freire tem sido reconhecida mundialmente não apenas como uma resposta a problemas brasileiros do passado ou do presente, mas como uma contribuição original e destacada da América Latina ao pensamento pedagógico universal. Não se pode dizer que seu pensamento responda apenas à questão da educação de adultos ou à problemática social dos países empobrecidos.

Creio que a **validade** da teoria e da práxis de Paulo Freire está ligada, sobretudo, a quatro **intuições originais**, já destacadas nos trabalhos do educador argentino Carlos Alberto Torres: 1^a – a ênfase nas **condições gnosiológicas da prática educativa**; 2^a a defesa da **educação como ato dialógico** e, ao mesmo tempo, rigoroso, intuitivo, imaginativo, afetivo; 3^a A noção de **ciência aberta às necessidades populares** ligada, portanto, ao trabalho, ao emprego, à pobreza, à fome, à doença etc.; 4^a O **planejamento comunitário, participativo**, a gestão democrática, a pesquisa participante.

É verdade, Paulo Freire ainda é pouco lido nas Universidades, mas não se pode negar sua grande ressonância na Educação Básica, particularmente na modalidade de educação de jovens e de adultos, na educação para os direitos humanos, na educação ambiental e na educação prisional. Sua metodologia é utilizada em larga escala, no Brasil, nas escolas e projetos educacionais do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e por projetos como o MOVA-Brasil (Movimento de Educação de Jovens e de Adultos), a Rede Nacional de Educação Cidadã e a Rede de Apoio a Ação Alfabetizadora do Brasil (RAAAB). Muitas educadoras e educadores anônimos, em suas escolas, utilizam-se da obra de Paulo Freire para dar consistência teórica e prática à sua ação pedagógica e educadora. Somos testemunhas disso no Instituto Paulo Freire: numerosos educadores, de todas as partes do país e também do exterior, tanto de escolas públicas quanto de escolas privadas, nos solicitam, diariamente, materiais pedagógicos de e sobre Paulo Freire. Para isso, o “Projeto Memória” irá dar uma grande contribuição.

Há hoje centenas de instituições e organizações espalhadas pela América Latina e em outras regiões, cadastradas pelo Movimento *Universitas* Paulo Freire (UNIFREIRE), que levam não só o nome de Paulo Freire, como trabalham com a sua pedagogia. Educadores populares, médicos sanitaristas, bibliotecários, enfermeiras, tecnólogos, têm grande interesse pelo seu trabalho. A educação prisional tem utilizado muito a pedagogia freiriana. Os governos populares e democráticos, sobretudo no nível municipal, de diferentes maneiras e em diferentes projetos, se utilizam da filosofia e da pedagogia de Paulo Freire, no currículo escolar, na pesquisa participante, em suas políticas públicas, no fortalecimento da gestão democrática etc. Sob influência do pensamento de Paulo Freire hoje no Brasil estão se realizando muitas experiências educacionais de enorme impacto, relacionadas com a chamada “Constituinte Escolar”, que utiliza os princípios metodológicos freirianos e com o emblemático “Orçamento Participativo” no quadro do movimento pela **Escola Cidadã**, outra expressão também utilizada por ele nos últimos anos.

O reconhecimento de Paulo Freire fora do campo da pedagogia, demonstra que o seu pensamento é também **transdisciplinar** e **transversal**. A pedagogia é essencialmente uma ciência transversal. Desde seus primeiros escritos considerou a escola muito mais do que as quatro paredes da sala de aula. Criou o “Círculo de Cultura”, como expressão dessa nova pedagogia que não se reduzia à noção simplista de “aula”. Na sociedade de hoje, que utiliza intensivamente a informação e as novas tecnologias, isso é ainda muito mais verdadeiro, já que o “espaço escolar” é muito maior do que a escola. Os **novos espaços da formação** (mídia, rádio, TV, vídeo, igrejas,

sindicatos, empresas, ONGs, espaço familiar, Internet...) alargaram a noção de escola e de sala de aula. A educação tornou-se comunitária, virtual, multicultural e ecológica e a escola estendeu-se para a cidade e para o planeta. Hoje se pensa em rede, se pesquisa em rede, trabalha-se em rede, sem hierarquias. A noção de hierarquia (saber-ignorância) é muito cara à escola capitalista. Ao contrário, Paulo Freire insistia na **conectividade**, na gestão coletiva do conhecimento social a ser socializado de forma ascendente. Não se trata mais de ver apenas a “cidade educativa” (Edgar Faure) mas de enxergar o planeta como uma escola permanente.

O livro *Pedagogia do oprimido* foi escrito no Chile em 1968. A pergunta que podemos fazer hoje é a seguinte: esse ponto de vista é ainda válido? Caso não seja válido, já não haveria mais porque continuar lendo Paulo Freire. Ou melhor, Paulo Freire seria um autor já superado, porque sua luta pelo oprimido estaria superada. Ele passaria para a história como um grande educador, mas que não teria mais nada a dizer para o nosso tempo.

Pelo contrário, a sua pedagogia continua válida não só porque ainda há opressão no mundo, mas porque ela responde a necessidades fundamentais da educação de hoje. A escola e os sistemas educacionais encontram-se hoje frente a novos e grandes desafios diante da generalização da informação na sociedade que é chamada por muitos (às vezes impropriamente) de “sociedade do conhecimento”, de “sociedade da aprendizagem”. As cidades estão se tornando educadoras e aprendentes, multiplicando seus espaços de formação. A escola, nesse novo contexto de impregnação do conhecimento, não pode ser mais um espaço, entre outros, de formação. Precisa ser um espaço organizador dos múltiplos espaços de formação, exercendo uma função mais formativa e menos informativa. Precisa tornar-se um “círculo de cultura”, como dizia Paulo Freire, muito mais gestora do conhecimento social do que lecionadora.

Nesse contexto, o pensamento de Paulo Freire é mais atual do que nunca, pois, em toda a sua obra ele insistiu nas **metodologias**, nas formas de aprender e ensinar, nos métodos de ensino e pesquisa, nas relações pessoais, enfim, no diálogo... questões extremamente atuais hoje.

Por que continuar lendo Freire?

Alguns certamente gostariam de deixá-lo para trás na história das idéias pedagógicas e outros gostariam de esquecê-lo, por causa de suas opções políticas. Ele não queria agradar a todos. Mas havia uma unanimidade em todos os seus leitores e leitoras e todos os que o conhecerem de perto: o **respeito à pessoa**. Paulo sempre foi uma pessoa cordial, generosa, muito respeitosa. Podia discordar das idéias, mas respeitava a pessoa, mostrando um elevado grau de civilização. E mais: sua prática do diálogo o levava a respeitar também o pensamento daqueles e daquelas que não concordavam com ele.

A pedagogia do diálogo que praticava fundamenta-se numa filosofia pluralista. O **pluralismo** não significa ecletismo ou posições “adocicadas”, como ele costumava dizer. Significa ter um ponto de vista e, a partir dele, dialogar com os demais. É o que mantinha a coerência da sua prática e da sua teoria. Paulo era acima de tudo um humanista. Não há dúvida de que Paulo Freire foi um grande humanista.

A força da obra de Paulo Freire não está só na sua teoria do conhecimento, mas em ter insistido na idéia de que é possível, urgente e necessário mudar a ordem das coisas. Ele não só convenceu tantas pessoas em tantas partes do mundo pelas suas teorias e práticas, mas também porque despertava nelas a capacidade de sonhar com uma realidade mais humana, menos feia e mais justa. Como legado ele nos deixou a esperança e a utopia.